

(...) Há muitos domingos não recebíamos visitas em casa. Hoje a campainha tocou logo cedo: uma prima e dois filhos vieram nos visitar. Trouxeram também o cachorro, que agora está fuçando nas samambaias da minha mãe – é já que ela atira uns gritos para assustá-lo. (...) Não há como continuar escrevendo. Os ruídos, as risadas, os anjinhos da prima e o cachorro me atrapalham. Amanhã continuo minha história. O próximo capítulo vai ser quase lindo. Vou escrever a respeito do dia em que, prestes a embarcarmos para Orlando, descobri que estava com catapora.

As malas estavam prontas há mais de uma semana; o roteiro da viagem, idem; os ingressos para o parque temático, em mãos. O Amorim, meu gato, ouvia uma série de recomendações, entre as quais não pular o muro, nem assaltar o cesto de roupas. Tudo dentro do script, até que... Caramba! O que é isso? E isso? E aquilo? E aquela outra! Rosto, braços, pernas... corpo todinho forrado de catapora. Oh, não!

A viagem a Orlando foi adiada, digo, a minha viagem foi adiada. O voo decolou normalmente, minhas amigas postaram mil fotos no insta: clicaram o embarque, os comissários de bordo, o desembarque, e, claro, toda a turma do Mickey Mouse, enquanto eu, do quarto para a sala, da sala para a cozinha... fazia o passeio mais do que previsível.

Contudo, nariz altivo, eu disse a mim mesma que a catapora não arruinaria os meus dias – ah... não mesmo! Euzinha da Silva tinha um universo a ser explorado, que ia muito além de Orlando! O universo do caderno de receitas da minha avó, por exemplo. Preciso falar do caderno, e então aqui vai: capa verde, manuscrito, os títulos das receitas grifados com precisão, as letras bem bordadas – tudo para exigir ingredientes de boa qualidade, frutas bem selecionadas, baunilha seca, grãos tostados etc., etc. E então descobri que eu era capaz de fazer crepes, um nome elegante para panquecas. Também fiz *petit gateau*, aquele bolinho fofo, que leva, por dentro, uma calda de chocolate derretido. Depois revivi a infância com bananas amassadas, aveia, mel e canela. “Mãe, cadê você?!” Minha mãe passou uns dias na casa da vovó, tamanho o medo de pegar catapora.

Minhas amigas e eu passamos a competir – instagram afora, de quem eram as fotos mais deliciosas?

No final da tarde, a rede, no alpendre assombreado, era só minha – aliás, eram só meus o alpendre, a rede, o Amorim, o cochilo preguiçoso e sem culpa, interrompido pela arrelia das maritacas.

Também é preciso anotar que aprendi, mais ou menos, a tricotar – os meninos da minha prima ganharam meias lindas (há tutoriais para todo o gosto!); também li um romance (fazia tempo que um Graciliano estava na fila); pudei as samambaias; arrumei todas as gavetas; curti meus travesseiros, fiz confidências seriíssimas!

Visitei Orlando tempos depois, trouxe de lá uma réplica do Pateta – uma cena incrível!, mas, sei lá, parece que me lembro mais da catapora do que do Mickey Mouse... até porque ela me deixou uma lembrança bem na ponta do nariz.

(Por Gislaine Buosi)